A TEORIA DA VERDADE EM KARL JASPERS (I)

José Nedel

Exposição e crítica (*)

INTRODUÇÃO

Em conferência inaugural havida na Universidade de Basileia, no ano de 1948, Karl Jaspers versou o tema «Filosofia e Ciência». Nessa oportunidade proferiu as seguintes palavras, justificando, por assim dizer, a sua obra capital «Von der Wahrheit» (1), dada ao público no ano anterior: «Se com o título 'Da Verdade' se têm escrito muitas obras filosóficas no decurso dos séculos desde a primeira Idade Média, também hoje é da maior urgência esta mesma tarefa para lograr uma intuição da essência da verdade em todo o seu alcance debaixo das presentes condições do saber científico e da experiência histórica» (2).

O problema da verdade é hoje importante como nunca por causa do niilismo, que, sob a influência de filósofos como Nietzsche, chegou nesta altura ao extremo. Em todos os tempos houve assaltos contra a verdade. Na filosofia contemporânea multidão de teorias intentam derivar historicamente o valor da verdade; por isso mesmo aniquilam-na, — doutrinas sociológicas, econômicas, antropológicas, psicanalíticas (3). Não raro filósofos reduziram o ser no seu conjunto a um modo particular do ser — matéria, vida. E isto para Karl Jaspers é condenável.

(*) No presente número é publicada a 1ª parte deste ensaio — a exposição, reservando-se para o próximo, a parte relativa à crítica.

1) München, Piper, 1947. Citaremos esta obra com a sigla W.

2) Balance y Perspectiva, Madrid, Revista de Occidente, 1953, p. 146. O título original deste livro de ensaios é «Rechenschaft und Ausblick» (München, Piper, 1951).

3) Jean Wahl, La pensée de l'existence, Paris, Flammarion, 1951, p. 240.

Tão nefasta como o ceticismo é a catolicidade da verdade, isto é, o dogmatismo, o fanatismo, a pretensão de possuir a verdade única, definitiva, exclusiva, absoluta, eterna. A verdade, segundo Karl Jaspers, nunca é algo de possuído em definitivo, — «jamais estamos seguros da verdade em conjunto e definitivamente» (4). A pretensão à verdade absoluta e eterna é a mesma negação da verdade, pois anula a situação fundamental do homem, que é certificar-se da verdade por meio da comunicação (5).

Em face destas ameaças à verdade, Karl Jaspers reelaborou em «Von der Wahrheit» a sua teoria já implícita e em muitos pontos explícita nas obras anteriores, especialmente em «Philosophie» (6), «Vernunft und Existenz» (7), «Nietzsche, Einführung in das Verständnis seines Philosophierens» (8). Posteriormente deu, em resumo, as linhas gerais do seu filosofar em «Der Philosophische Glaube» (9).

Respeitáveis especulações ensaiaram-nas já os críticos sobre a teoria jaspersiana da verdade. Para a primeira fase temos a obra de M. Dufrenne e P. Ricoeur (10). A segunda fase da teoria, que marca com «Von der Wahrheit» uma curva, não ruptura, no pensamento de Karl Jaspers, foi estudada por Jean Wahl, em seu livro já citado, e X. Tilliette, numa série de três artigos em «Archives de Philosophie» de 1957 (11).

Esses autores versaram ex-professo e mais ou menos extensamente o tema da verdade em Karl Jaspers. A obra aparecida em 1958 — «Studi Jaspersiani» de A. Caracciolo (12) — nada acrescenta às pesquisas já feitas sobre o tema, uma vez que o autor não enfoca o mesmo aspecto da filosofia do pensador alemão. O livro de Franz Furger (12a),

insistindo sobre a natureza unitária da verdade em Karl Jaspers, evidencia aspetos valiosos para a compreensão e a crítica do autor que nos ocupa.

Ao lado desses estudos sobre a verdade em Karl Jaspers parece pretensioso voltar sobre o mesmo tema. Entretanto o presente trabalho quer ser, primeiro que tudo, uma tentativa de compreensão dum dos filósofos mais categorizados do pensamento contemporâneo. Nem foi nossa intenção expor toda a teoria da verdade em Karl Jaspers; quisemos apenas examinar mais detidamente um único capítulo de «Von der Wahrheit», que diz respeito às origens do ser-verdadeiro (Wahrsein) e constitui o centro da teoria (13). Ensaiaremos, enfim, uma apreciação crítica.

Não pudemos alargar muito os limites deste ensaio por deficiência bibliográfica, que no Brasil toma, às vezes, feições verdadeiramente dramáticas. Ater-nos-emos essencialmente a «Von der Wahrheit».

EXPOSIÇÃO

A) O ENGLOBANTE

O termo englobante (Das Umgreifende) (14) serve de ligação para todos os temas jaspersianos depois de «Philosophie». É um conceito fundamental. Dêle derivam ou nele se resumem os demais conceitos da filosofia de Karl Jaspers. O englobante — o ser propriamente dito — não é sujeito nem objeto, mas aparece na totalidade da separação (Spaltung) de sujeito e objeto (15). É o fundamento obscuro do

4) Balance Y Perspectiva, p. 170.

5) Idem, p. 221.

6) Heidelberg e Berlin, Springer-Verlag, 1933.

7) München, Piper, 1935.

8) Berlin, W. de Gruyter, 1936.

9) München, Piper, 1948. Citaremos esta obra com a sigla PhG1.

10) Karl Jaspers et la Philosophie de l'existence, Paris, Ed. du Seuil, 1947.

11) X. Tilliette, S. 124-318; S. 349-378; 4, 497-585.

12) Milão, Marsorati, 1958.

12a) Struktureinheit der Wahrheit bei Karl Jaspers, Bielefeld, 1960.

13) p. 602 - 653.

14) Jean Wahl (o.c., p. 256) propõe a tradução «infinito compreensivo» para o termo «Das Umgreifende». Aprova também «inclusivo», proposto por James Collins. Fernando Vela, tradutor de «Rechenschaft und Ausblick», usa «envolventes». Nós em geral usaremos a palavra mais comum, que é «englobantes».

15) PhG1 39.

ser, a origem (Ursprung) (16) da qual tudo emerge — eu como sujeito e as coisas como objetos. Unidade inacessível, funda toda possibilidade de distinção e separação.

O englobante jamais é um ser determinado, — porque este nunca é todo o ser. Não é a totalidade dos seres, tampouco horizonte, mas «aquilo que jamais é visível como horizonte e donde procedem novos horizontes» (17).

O englobante dá sentido à reflexão filosófica. Anuncia-se através do pensamento sem contudo aparecer jamais com evidência. Tudo encontramos nêle, a êle nunca o encontramos. Não pode ser derivado, por dedução ou construção. Subtrai-se ao conhecimento objetivo — só filosoficamente o podemos esclarecer (18). Sendo embora diverso do que é particular, determinado e objetivo, dá sentido e demarca os limites a todo conhecimento objetivo concreto.

O englobante é o incomensurável, o infinito latente nos objetos finitos. Inacessível à consciência científica, não pode fundar uma ontologia propriamente dita, mas antes uma periecontologia (19) ou doutrina do englobante, que jamais se torna objeto adequado para a consciência.

O englobante é outrossim o lugar da procura da verdade, que coincide com o próprio englobante e o movimento nêle desenvolvido. «O englobante é o espaço infinito, que possibilita as manifestações do ser-verdadeiro» (20). Achar o englobante é aclarar a verdade.

16) W 26.

17) Existenzphilosophie, Drei Vorlesungen, W. de Gruyter, 1938, Berlin; p. 13-14. Cita de M. Dufrenne e P. Ricoeur, o.c., p. 356, nota 23.

18) W. 158-159.

19) W 159-160. Conforme Jean Wahl (o.c., p. 257) Karl Jaspers teria formado a palavra «periecontologias» de perieuk, — termo empregado por Heráclito para designar a ação dos Logos. Assim como faz a palavra grega em Jean Wahl não a encontramos nos fragmentos de Heráclito, ao menos não consta no extensíssimo índice de palavras, que inteira todo o terceiro volume de «Die Fragmente der Vorsokratiker» de Hermann Diels (Berlin, Weidmannsche Verlagshandlung, 1954). Entretanto nos fragmentos sobre a vida do filósofo do devir ocorre três vezes perieukon. A primeira vez num texto de Diógenes Laércio A 1 (I 141, 31). Depois em escritos de Santo Emílio A 16 (I 147, 37) e A 16 (I 148, 34). O lugar mais elucidativo é A 16 (I 147, 37) onde aparecem par a par perieukon e logikon. Poderíamos traduzir a locução por «englobante lógico» e dizer, que foi este o ponto de partida, provavelmente para a formação da «periecontologias».

20) Xavier Tilliette, Archives de Philosophie, XX, 3 (1967) 193.

O englobante não é inteiriço, senão dividido: há englobantes ou modos do englobante, que em tensão recíproca marcam para a sua plenitude. No englobante, que nós somos, distingue-se o Dasein, a consciência em geral, o espírito e a existência. Pelo Dasein estamos ligados ao mundo; pela consciência em geral, à ciência; pelo espírito, a um universo de idéias e formas; pela existência, à alteridade do outro e do Todo-Outro (21). O englobante que é o ser é mundo e transcendência; esta denomina-se também o englobante dos englobantes (22).

A verdade numa doutrina dos englobantes far-se-á consciente em todas as suas possibilidades, extensão e profundidade somente com os modos do englobante. A pesquisa da verdade partirá da aclaração dos englobantes, mediante o impulso da razão e da existência (23).

Dada essa correspondência entre o englobante e a verdade (24), entende-se o método de Karl Jaspers, que nas primeiras duas partes de «Von der Wahrheit» trata do englobante e na terceira, da verdade. Após as introduções sobre lógica filosófica e pensamento das origens, passa a estudar o ser do englobante. É a primeira parte (p. 47-222). Na segunda versa o englobante do conhecimento (p. 225-449). No terceira põe enfim amplamente o problema da verdade (p. 453-1054).

21) Id. ibid., p. 189.

22) W. 135, 784-785.

23) É importante distinguir a razão (Vernunft) do entendimento (Verstand) e do espírito (Geist). O entendimento é a atividade da consciência em geral enquanto se dirige para objetos e exerce intelecção de caráter necessitante. O espírito é o pensamento enquanto estrutura totalidades de idéias, que se fecham em si. A razão é a abertura ilimitada para toda a verdade e toda a realidade (W 677). Com a existência representa a ligadura universal dos diferentes elementos do homem — Dasein, consciência em geral, espírito, existência. É a atividade unificadora de todas as demais atividades. Caracteriza a razão uma propulsão constante, um grande poder sistematizante. Não é propriamente um englobante, mas revela e explora o englobante num movimento infatigável. A filosofia do englobante é filosofia da razão — «prima philosophia» —, não deixando contudo de ser filosofia existencial, porque a razão e a existência são os dois polos inseparáveis do nosso ser. A razão de Karl Jaspers não é a clássica razão cartesiana ou hegeliana, mas uma razão existencial, que sem a existência fica vazia. A existência, por sua vez, sem a razão estaria cega e sucumbiria (W 116, 121, 380, 677).

24) Wahrheit ist das schlechthin Umgreifende (W 460).

A terceira parte de «Von der Wahrheit» tem três secções: a primeira é um longo estudo da verdade e da falsidade (p. 457 - 600); a segunda particulariza as formas da verdade. Esta parte comporta três temas: 1) as origens do ser-verdadeiro (p. 602 - 653), 2) a unidade da verdade (p. 654 - 709), 3) a verdade na ruptura (Durchbruch) (p. 710 - 868); na terceira secção da terceira parte de «Von der Wahrheit» discorre o autor sobre o acabamento (Vollendung) da verdade (p. 869 - 1054).

Nossa exposição limita-se praticamente ao capítulo que respeita às origens do ser-verdadeiro ou, mais em particular, à multiplicidade de sentido da verdade, segundo o englobante, que lhe é o fundamento. O capítulo, que destacamos é central em «Von der Wahrheit» e constitui o núcleo da teoria da verdade numa doutrina filosófica, que procede cada vez a partir do englobante.

Indagaremos a verdade nos englobantes que nós somos, — Dasein, consciência em geral, espírito, existência; em seguida passaremos aos englobantes, que são o próprio ser, — mundo e transcendência. Por fim, para lograr uma vista de conjunto sobre toda a teoria, exporemos brevemente os capítulos relativos à unidade da verdade, à verdade na ruptura e ao acabamento da verdade. Depois passaremos para a segunda parte — a crítica.

B) AS FORMAS DA VERDADE

I. A VERDADE DO ENGLOBANTE QUE NÓS SOMOS

1. A Verdade do Dasein.

Em cada infinito compreensivo, que nós somos, radica um sentido especial de verdade. No Dasein, individualidade empírica, ser vivente particular, indivíduo particular determinado no espaço e no tempo, a verdade reside na imediatez

daquilo que se apresenta aos sentidos, na utilidade da vida, no instinto, no que é prático e oportuno (25). Tudo que favorece o Dasein e lhe traz apaziguamento é verdadeiro; e o contrário — o que o prejudica, confina, paralisa, lhe rouba a felicidade — é falso (26).

Para o Dasein não há validade universal, mas só subjetiva; a verdade para cada Dasein é diferente. Nem há neste englobante certeza de estrita necessidade (27).

A verdade do Dasein está na sua conduta utilitária, no sentido de conservar-se e alargar-se, de conquistar paz duradoura. A comunicação do Dasein funda-se sobre o interesse. Verdade aqui não é origem mas função: adquire desenvolvimento e consistência só pela prática dos interesses vitais do Dasein. Com o decurso do tempo, entretanto, muda o Dasein acarretando outrossim mudança da verdade em cada situação. A verdade é relativa; não existe verdade em si, mas só como «realização sempre atual do Dasein» (28).

Constantemente deve o homem escolher entre um Dasein puro, que fica na sua particularidade, fechado em si, e um Dasein consciente, que se eleva e se ultrapassa. Este Dasein superior é a alma, cuja tendência é exprimir-se. Sua verdade está na perfeita visibilidade (Sichtbarkeit) do seu interior, na adequação entre a expressão e a interioridade, a consciência e a inconsciência. Karl Jaspers entende isso desta forma: a alma, ou o Dasein dotado de consciência, reflete sobre a própria realidade biológica, inatingida e inconsciente no plano do puro Dasein. E neste processo de tornar consciente o que antes não o era acha-se a verdade do Dasein superior.

25) Jean Wahl (O.c., p. 244) traduz Dasein por ser particular, ser vivente particular e rejeita a tradução comum de ser empírico, por causa das dificuldades, que acarreta. Bernhard Welte define o Dasein de Karl Jaspers assim: «Das immanente Dasein ist der mir angewiesene Raum, in dem allein ich mein Selbstsein vollziehen kann» (Der Philosophische Glaube bei Karl Jaspers und die Möglichkeit seiner Deutung durch die thomistische Philosophie, Symposium, II (1949) 54).

26) W 608.

27) Die Wahrheit des zwingend Richtigen wird Unwahrheit im Dasein (W 655).

28) Wahrheit ist die je gegenwärtige Daseinsverwirklichung (W 609).

O Dasein como consciência ou saber não vive apenas no seu mundo ambiente, mas dirige-se para objetos (Gegenstände); a consciência em geral já se anuncia; só mostra, entretanto, o que é de utilidade para o Dasein e não o que é verdade em si (29).

O Dasein particular vai sempre ligado ao Dasein total de uma comunidade; a verdade por isso não está no universalmente válido, mas no que há de geral ou coletivo nesta comunidade dentro de determinada situação. Não tem valor o indivíduo, que segue caminhos próprios, — extingue-se a exceção. A verdade surge como escolha do que é necessário para a manutenção de uma comunidade, e conserva-se como hábito do que é evidente por se ter feito costume (30).

Há no puro fato do Dasein um júbilo e uma dor (31): júbilo da vida que se completa, porque o Dasein, ligado à existência, pode ultrapassar-se, esclarecer-se, atingir a sua ipseidade e, mediante isto, a própria ipseidade do mundo. Jean Wahl exprimiu este pensamento em forma praticamente intraduzível: «...ce Dasein... s'apporte lui-même à lui-même, et par là même aussi apporte le monde à l'apparition» (32).

O júbilo do Dasein pode, entanto, perder-se e cair na infelicidade pela consciência da temporalidade, da culpa e da limitação. O Dasein temporal não experimenta a historicidade profunda — união de tempo e eternidade graças à incondicionalidade em mim (33) —, não encontra satisfação e, cónscio disso, cai em desconsôlo absoluto. Todos os intentos lhe fracassam, — o tempo deglute tudo. Sente-se prêsa de culpa e limitado, porque se liga à sua terra, família, tempo. Culpabilidade e limitação caminham, em Karl Jaspers como também em Martin Heidegger, fortemente unidos.

(29) W 608.

(30) Wahrheit erhält sich als Gewohnheit der Selbstverständlichkeit des Gewordenen (W 609).

(31) Im Dasein ist der Jubel des sich vollendenden Lebens und der Schmerz des Verlorengehens (W 659).

(32) O.c., p. 246.

(33) W 606.

O Dasein jamais terá plenitude em sua verdade. Procura apaziguamento, duração, felicidade e não os encontra. A felicidade, além de não existir duradoura, é sumamente problemática, porque indeterminável, — «não há felicidade, que, quando se torna clara a si, ainda se baste» (34). Tôdas as coisas, pelo próprio fato de existirem, albergam em si o germe da dissolução. Todavia o Dasein, por meio da reflexão, como que fugindo de si mesmo por não se bastar, abre-se à possibilidade de um outro englobante — a existência. Esta conhece os limites do Dasein, e os fracassos dêle tornam-se para ela situações limites onde aparece a transcendência.

A teoria do Dasein em Karl Jaspers é ambígua e indeterminada por causa da sua duplicidade significativa. O Dasein, dotado de consciência, adquire dinamismo, — a consciência, matriz energética, dá-lhe a possibilidade de transformar-se e superar-se. O simples Dasein — mero estar-aí ou ser-aí — opulenta-se e adquire um sentido semelhante ao da existência ou do Dasein de Martin Heidegger. Se o Dasein é naturalmente e por essência estar além de si, já não é pura imanência, mas ato de transcendência; de outro lado, o Dasein restringe-se, passa numa espécie de invisibilidade, fica puro e simples Dasein e por fim se esvaece (35).

Por causa do dinamismo do ser vivente particular, Karl Jaspers denomina a filosofia relativa ao Dasein não de empirismo mas pragmatismo e retoma a fórmula de William James, dizendo que a verdade do Dasein é função vital.

2. A Verdade da Consciência em Geral

Karl Jaspers define a consciência em geral (Bewusstsein überhaupt) como «o englobante, que sustenta a validade necessitante, expressa em enunciados de validade universal» (36), ou «o entendimento, que exerce intelecção necessitante» (37).

(34) Es gibt kein Glück, das, wenn es sich hell wird, sich noch genügt (W 658).

(35) Jean Wahl, o.c., p. 246.

(36) Das Umgreifende, das die zwingende Gültigkeit trägt, die in allgemeingültigen Aussagen sich mitteilt, heisst Bewusstsein überhaupt (W 606).

(37) Bewusstsein überhaupt ist der Verstand, der zwingende Einsicht vollzieht (W 649).

Este infinito compreensivo, que nós somos, é o reino das evidências do juízo como o estudou Descartes; exprime-se dentro do racionalismo clássico e, às vezes, em certas formas de empirismo, — «contém o empiricamente compreensível (das empirisch Fassbare) na medida em que o conteúdo empírico é, em princípio, acessível e perceptível por cada um, e contém a evidência original da certeza intemporal da necessidade lógica» (38).

A consciência em geral pode pensar-se a si mesma; só por meio dela eu chego a aparecer no mundo, isto é, posuo-me reflexivamente e assim me conheço pela relação que tenho com o mundo. «Entretanto, como pura consciência em geral perco-me e, se disso me dou conta, desespero de mim e de todo o ser» (39).

A verdade da consciência em geral reside no caráter não contraditório do que é objetivamente pensável nas categorias universais (40). Só aqui há validade de enunciado e necessidade lógica. E' o reino do conhecimento objetivo e universal, que tem por objeto o mundo científico. E' relativamente pequeno, mas de limites indeterminados, este mundo de exatidões (Richtigkeit) válidas para a consciência em geral. A verdade dêste englobante — a exatidão, o rigor dos conteúdos de consciência claros e estáveis — é por si mesma e não por outro; não tem procedência (Abkunft), mas é origem como evidência da certeza universalmente válida.

A consciência é pontual, isso significa que é um sujeito formal, ponto de partida do conhecimento; é o homem impessoal enquanto conhece, disseca, analisa as coisas; não é centro existencial. Como consciência em geral pode o homem ser substituído por outro idêntico com êle, não numéricamen-

38) W 606.

39) W 607.

40) Im Bewusstsein überhaupt liegt Wahrheit als Widerspruchsfreiheit des in den allgemeinen Kategorien gegenständlich Denkaren (BdI 30).

te, mas pela espécie (41). O objeto dêsse sujeito pontual, que é a consciência, sempre lhe está diante em adequação com o significado, que êle lhe dá (42).

A verdade da consciência em geral é esquemática, inessencial, infinita, vazia, impessoal, imóvel, fria. «Subsiste sem mim; é de validade universal, a-histórica, intemporal, mas não incondicionada, senão relacionada a pressuposições e métodos do conhecimento» (43). Só na consciência em geral há verdade em sentido ordinário, — verdade necessitante. As fontes da verdade, porém, são os outros modos de revelação do ser, mas nêles a verdade está apenas em sentido figurado. Significação própria e tradicional a verdade só a adquire onde há consciência, pensamento, isto é, no domínio da adequação e, por isso mesmo, da separação (Spaltung), pois toda adequação pressupõe, em momento anterior, a separação, a cisão dos termos da relação de conformidade. Neste domínio da separação eu me relaciono a mim mesmo, enquanto me relaciono com objetos. As relações, que daí nascem, podem ser verdadeiras, uma vez que também existe possibilidade de serem falsas. Só onde o ser é conhecido, onde há o ser de um eu (Ichsein), pode haver verdade ou inverdade, porque há relação de conhecimento. O ser que só fôsse em si, desconhecido de si e de todos, não seria falso nem verdadeiro (44).

A verdade da consciência em geral não é toda a verdade. De todos os demais infinitos compreensivos também brotam verdades, que, entretanto, hão de esclarecer-se no meio transparente da consciência. Toda verdade deve nela entrar e só na medida em que entra é total e atinge a universalidade; é verdade na medida em que vale para a consciência em geral. Nesse meio objetivam-se as verdades originárias dos outros englobantes, entram em contato com a certeza necessitante

41) Karl Jaspers, Filosofia, I, p. 9. A versão espanhola de Fernando Vela apareceu em dois volumes, quando o original era em três. Citaremos pela sigla F' esta obra na edição de Revista de Occidente, Madrid, 1958.

42) W 606.

43) Phil 10.

44) W 606.

(zwingende Gewissheit) conforme as leis da lógica formal, formam um reino de verdades da mesma espécie, que se entrelaçam mutuamente num complexo compreensível de exatidões indefinitas. Neste sentido a verdade torna-se uma na consciência em geral.

A verdade no domínio da separação, isto é, a verdade da consciência em geral, não é a mais profunda. A verdade mais profunda e essencial começa justamente lá onde acaba o caráter necessário do entendimento. Esbarramos no limite onde o nosso Dasein e outro Dasein, ainda quando ambos pensam estar dirigidos para a verdade una e universal, contudo não mais a reconhecem como a mesma coisa (45). O indubitavelmente exato, considerado só como tal, tem seu limite de perfectibilidade, a partir do qual só é mais possível realizar acumulações indefinidas e sem sentido (46). Por causa desta infinitude em si inessencial nasce um vazio na consciência em geral; porque perdeu a exatidão necessitante, não suporta e por isso rejeita tudo o que é exato (47). A verdade da consciência em geral, assim, permanece incompleta, enquanto já se anunciam outros englobantes de verdades mais profundas.

3. A Verdade do Espírito

O espírito (Geist) é o englobante, que nós somos como aëres que, no movimento do compreender e ser compreendidos, realizamos totalidades. O espírito é real como o Dasein, interior como o pensamento, mas é mais do que ambos, porque brota de outra origem. E' o todo que dá coesão ao pensamento, ao sentimento, à ação; o espírito guia, articula, determina limites e medidas. Este todo, que não é objeto, mas poder, que tudo penetra, tudo atrai como fim, tudo impulsiona

45) W 607.
46) W 608.
47) W 609.

na como germe, cristaliza-se objetivamente em figuras e esquemas, — este todo é a idéia (48).

A verdade do espírito não tem validade universal para a consciência. Entretanto, o espírito e o Dasein nela aparecem e aí exprimem sua verdade, ainda que em sentido oposto: a verdade característica do Dasein tende a estorvar a validade da consciência em geral (49); a do espírito compenetra a consciência e sua objetividade, a dirige, ordena e aviva. A validade da verdade do Dasein é menos que validade do entendimento; a do espírito é mais. Correspondentemente há no Dasein uma tendência a evitar ou causar estôrvo à exatidão, e no espírito há o conhecimento dessa validade, seu reconhecimento e integração dentro do próprio movimento do espírito (50).

A verdade do espírito é verdade do todo em movimento. Verdade é o que pertence a um todo, se esclarece a si e está fechado em si mesmo. O todo não é conhecível objetivamente — só se compreende no movimento. O pensado, sentido, querido, é verdade não isolada (für sich), mas enquanto é momento de um todo (51).

A totalidade do espírito é a idéia. O espírito segue as idéias no exercício do saber, sentir, querer, — breve: na compreensão do ser. As idéias não estão ante os olhos como objetos, mas como figuras (Gleichnis) e esquemas (Schema). Atuam como impulsos, que recebem (aufnehmen), alargam, avivam, ordenam as impressões vindas do exterior. Nas ciências tornam-se sistemática metódica, que traz conexão ao conhecer (52).

«Verdadeiro é o que realiza totalidade da idéia, o que dela deriva, o que a integra em si» (53). «O entendimento sem-

48) W 71.
49) W 610.
50) W 610.
51) W 610.
52) W 610.

53) Wahr ist, was Ganzheit der Idee bewirkt, aus ihr herkommt, in sie hineinmündet (W 610).

pre só pode achar o que é exato; apenas a idéia do espírito deixa aparecer o essencial (54).

As idéias estão presentes e ao mesmo tempo inatingíveis. Presentes como guias da consciência nas argumentações e nas interrogações; neste movimento já causam plenitude e tranquilidade; são inatingíveis como verdade sabida objetivamente. Aparecendo na consciência, são critério de exame, escolha e distinção do que é exato mas não verdadeiro do outro que é exato e verdadeiro (55).

Nós experimentamos, que podemos ser tocados por uma verdade sem ela mesma tornar-se objetiva, — isso quando se desenvolve para nós uma conexão infinita de um todo, lato é, de uma idéia. Não podendo estudar a idéia como objeto, só temos a ela acesso indireto — na pesquisa objetiva e no agir concreto. Sem as idéias sentimo-nos distraídos, somos nulidades, que se dissipam; com elas, entanto, o nosso Dasein completa-se por construção contínua. As idéias são origem e fim sem contudo serem cognoscíveis. Indemonstráveis, são todavia o impulso do pensar e do agir cheio de sentido (56).

As idéias não são intemporais como consistência, pois acham-se em contínuo vir-a-ser; tampouco o são como validade — não são conhecíveis. São temporais, enquanto historicamente conscientes (bewusste), e intemporais, no sentido de eterno, enquanto aparição de uma existência, que nelas se expressa. Esclarecem-se na pesquisa e no desenvolvimento das intuições, nas ações e no progresso das transformações cósmicas (Weltgestaltungen). «Não são coisas que se desenvolvem, mas revelam-se através da sua auto-produção» (57). A idéia é frutuosa. Guiado por ela, o pesquisador logra conhecimentos ricos em conteúdos e conjuntos sistemáticos. Em

tôdas as esferas pode o espírito representar-se por idéias. Assim nas pesquisas científicas todo o individual só tem sentido, enquanto pertence a um todo; êste todo fica para nós tarefa infinita, por exemplo, as idéias de matéria, vida, espírito histórico...

«Onde eu pesquiso, ajo, trabalho, a idéia é, por assim dizer, o conteúdo penetrante. Por ela tem brilho o que aliás é indiferente. Ela é a coesão das coisas, que de outra forma se desvanecem indefinidamente» (58).

A idéia dá a atmosfera íntima de um mundo em que estou em casa. Se quero participar da idéia, devo cada vez entrar num mundo. Não compreendo nenhuma idéia exteriormente, como algo do qual ouço falar e que posso aprender (59). Vivemos nas idéias, quando elas se nos tornam fonte da própria atividade; não as temos, quando tentamos contemplá-las, «subtraem-se à consideração, porque são como liberdade» (60).

A essência da verdade do espírito não é apenas o saber da idéia, mas a participação dela, — como em Hegel. Essa participação efetua-se por ações, trabalhos, pesquisas, saber, — quando o sentido dessas coisas é visto a partir da totalidade, que lhes dá coesão (61).

«A verdade da idéia tem o caráter da convicção, pois ela é origem a partir da qual algo acontece, não meio nem fim limitado» (62).

Karl Jaspers distingue a verdade da idéia subjetiva e a verdade da idéia objetiva. Aquela é a verdade das ciências — conformidade (Übereinstimmung) de um saber com seu objeto; esta a verdade ontológica, — conformidade de um objeto com sua idéia ou seu modelo. Uma é verdade do ser,

54) Der Verstand kann immer nur das Richtige finden; erst die Idee des Geistes lässt das Wesentliche offenbarwerden (W 611).

55) W 612.

56) W 612-3.

57) Sie sind nicht Dinge, die sich entwickeln, sondern sie werden offenbar, indem sie sich schaffen (W 613).

58) W 613.

59) W 613.

60) Sie entstehen sich der Betrachtung, weil sie sind als Freiheit (W 614).

61) W 614.

62) Im Geist liegt Wahrheit als Überzeugung von Ideen (PhG I 30; W 614).

objeto com sua idéia ou seu modelo. Uma é verdade do ser, a outra, do conhecimento (63).

O espírito tende a objetivar-se em totalidade ordenada do saber e da ação. E' real (wirklich), quando ao mesmo tempo se torna real (real) no Dasein e objetivo no pensamento. Deve entrar nas realidades do Dasein e nas cogitabilidades (Denkbarkeit) da consciência. Espírito é só como realidade e pensamento ao mesmo tempo (64). A verdade do espírito tende a uma única totalidade de tudo o que existe.

A objetividade do espírito muda na história — «o espírito é acontecimento no tempo» (65), não todo de uma vez, mas histórico. Sua verdade é o movimento num todo fechado. Surge historicamente em ações, obras e imagens atravessadas dos povos, que com êle entram na história universal... (66). A verdade do espírito existe como um pertencer a uma totalidade histórica (67).

A idéia é totalidade, mas seu acabamento reside na infinitude, — existe só em movimento, fica aberta, aparece em figuras incalculáveis e não fixáveis; se ficasse pronta, adquiriria validade universal e intemporal — já não seria idéia no sentido que Karl Jaspers lhe dá.

Karl Jaspers distingue idéia do espírito e da razão (Vernunft). A idéia do espírito é movimento infinito, que se fecha em si e encerra, ao menos assim o pretende, todo o ser. A idéia da razão também é movimento infinito, mas que rompe e destrói cada totalidade alcançada. E' um ilimitado além, uma abertura sem limites, uma espécie de movimento, que na sua verdade apaziguadora acolhe a infelicidade do Dasein temporal, eternamente insuficiente e sempre de novo a fracassar. Orienta-se para a totalidade na ruptura de todas as

63) W 614 - 615.

64) Geist ist nur als Realität und Denken zugleich (W 616).

65) Geist ist Geschehen in der Zeit (W 616).

66) Wahrheit des Geistes bringt sich geschichtlich hervor in Tat, im Werk und Bild durch die Völker, welche mit ihm in die Universalgeschichte eingehen (W 616).

67) Wahrheit des Geistes ist durch Angehören an eine geschichtliche Totalität (W 616).

totalidades. Não pertence a um englobante especial, mas superando-os todos, compenetra-os com sua atividade infinita e impede a inverdade, que surgiria de uma fixação num englobante determinado (68). A idéia da razão é um formidável impulso, que na ruptura do espírito não nos deixa recair no puro Dasein, mas exige «élan», que também não acha satisfação no espírito (69).

A diferença entre ambas as idéias aparece nas relações, que mantêm à realidade empírica. O espírito tende a esquecer ou abstrair da realidade, que não corresponde à sua idéia. A razão reconhece que não pode ver a essência de cada realidade, e fica aberta para apreender, nas suas imensas possibilidades, a realidade empírica. Sua verdade não pode objetivar-se, pois ela só existe num movimento histórico e inacabável.

A idéia do espírito como última realidade seria a absolutização do espírito no próprio ser: «O ser é espírito» (70). Põe-se, porém, um problema: é ou não é realizável a verdade da idéia do espírito? — a Totalidade absoluta para a qual tendem as idéias fracassa; a idéia sucumbe na realidade, que não deixa compenetrar-se. Com as idéias não se pode pensar perfeitamente a realidade do mundo. Não há uma idéia universal do conhecimento do mundo, na qual todas as demais idéias estivessem guardadas (aufgehoben), mas ao invés, o conhecimento do mundo nunca se completa. Urge, portanto, procurar uma origem mais profunda, a existência, que produz (schaffen) e sustenta as idéias e fica ainda como possibilidade mesmo quando as idéias fracassam (71).

4. A Verdade da Existência

Enquanto não surge nova origem da verdade — o englobante do ser-em-mesmo (72) ou a existência — os outros sen-

68) W 606, 608 - 670, 682, 683.

69) W 619.

70) Das Sein ist Geist (W 618).

71) W 619 - 621.

72) W 76.

tidos da verdade permanecem incompletos. A distinção e a consciência de limite de cada sentido da verdade surge com a verdade existencial. «A pureza da verdade de cada uma das outras origens apenas surge a partir da verdade da existência» (73).

A verdade do Dasein, da consciência em geral e do espírito não traz satisfação. Queremos mais, — uma verdade com a qual nos identificamos, com a qual vivemos e morremos (74). E esta, no seu fundamento, não procura visibilidade; onde está unida à transcendência não mais busca eficácia, fama e assomos patéticos, e contudo sustenta todos os fatos. É silenciosa, mas representa toda a capacidade na formação da verdade. Ela mesma é inquestionável; mantém, entretanto, em movimento ilimitado a interrogação em todos os âmbitos do englobante. A verdade da existência fundamenta tudo (75).

A verdade aqui identifica-se com a consciência da existência. Mais classicamente se chamaria a existência de personalidade, como o nota Jean Wahl (76): enquanto personalidade não sou objeto de saber, só posso ganhar-me ou me perder. A existência é objeto de risco, não de conhecimento. A historicidade em si, que impregna a existência, é sempre refratária ao saber objetivo (77), — por isso também a verdade existencial não é fixável com exatidão, pode-se, porém, esclarecer-lhe o sentido. O que eu sou propriamente nunca o sei (78), fica sempre o meu poder-ser mais profundo

73) Die Reinheit der Wahrheit jeden anderen Ursprungs erwächst erst aus der Wahrheit der Existenz (W 618).

74) Ich suche Wahrheit mit der Ich dem Tod ins Angesicht blicken kann (W 652).

75) W 619.

76) O.c., p. 249.

77) Karl Jaspers, La razón y sus enemigos en nuestro tiempo, Editorial Sudamericana, Bs. Aires, 1953, p. 54; tradução de Lucia Plossak Prebisch. O original intitula-se: Vernunft und WIDERvernunft in unserer Zeit.

78) Isto é um pensamento, que ocorre frequentemente à pena de Karl Jaspers. Em «Philosophie und Welt», Piper, München, 1958, assim escreve à página 295: «Denn der Mensch als Ganzes liegt hinaus über jede fassliche Objektivierbarkeit. Er ist unvollständig als Wesen für sich selber und als Erkenntnisgegenstand für den Forscher. Er bleibt gleichsam offen. Der Mensch ist immer mehr, als er von sich weiss und wissen kann». Cf. também W 711.

(79). Se eu soubesse o que sou, já não o seria mais. Fico sempre possível existência. «A verdade da existência pode repousar sobre si na sua simples incondicionalidade sem se querer saber» (80).

«A verdade da existência só é diante da transcendência, à qual se relaciona» (81). Só a existência é capaz de ler a linguagem cifrada da transcendência. A verdade existencial, porém, não se concebe de maneira que se possa dizer: «é esta», ou, «é una», — ela é de existência para existência. A verdade da minha existência só existe na comunicação cada vez histórica com as verdades das outras existências (82).

A verdade da existência não exclui as verdades dos outros infinitos compreensivos, mas estas supõem aquela, a partir da qual crescem. No entrançamento com a existência alcançam as outras verdades a sua plenitude e pureza.

«A existência experimenta verdade na fé» (83), que existe lá onde eu sou autenticamente, onde amo e quero e onde já não conheço os porquês (84). Onde não há mais verdade pragmática, nem certeza necessitante, nem totalidade do espírito, entro na verdade na qual rompo toda imanência do mundo e experimento a transcendência (85). O contato com a transcendência faz-se pela fé, — «fé é a consciência da existência em relação à transcendência» (86).

A verdade incondicionada dêste querer-ser-autêntico (87), que é a existência, pode tomar as outras verdades todas como meio e dar-lhes assim um caráter novo; ela mesma, porém, não tem validade universal para todos os homens, mas é absolutamente válida no «hic et nunc» desta existência particular

79) W 77.

80) Wahrheit der Existenz kann daher in der schlichten Unbedingtheit auf sich beruhen, ohne sich wissen zu wollen (W 621).

81) Wahrheit der Existenz ist nur vor der Transzendenz, auf die sie sich bezieht (W 632).

82) W 639.

83) Existenz erfährt Wahrheit im Glauben (W 640).

84) Jean Wahl, o.c., p. 249.

85) W 640.

86) Phil 80.

87) Existenz ist Eigentlichseinwollen (W 80).

(88). A verdade existencial é una, isto é, encontra-se além da esfera da separação, que se processa na consciência em geral. E' intimidade recíproca entre pensamento e vida e pode-se por ela morrer, — assim Giordano Bruno, que foi incapaz de desligar-se da sua verdade; pela verdade-separação, entretanto, ninguém dá a vida, porque ela existe independentemente daquele que a exprime: — é a situação de Galileu: a morte não teria contribuído para propagar a sua verdade.

A verdade existencial ultrapassa a distinção entre sujeito e objeto. Se instituíssemos comparação com a filosofia de Kant, como o faz Jean Wahl (89), seria verdade noumenal em oposição à verdade fenomenal da consciência. A verdade da existência, a partir da qual eu vivo, só existe, porque com ela me identifico. Histórica na sua manifestação, não tem validade objetiva e universal, mas é incondicionada (90).

O centro de toda verdade reside na existência. A verdade dêste histórico e único ser-si-mesmo (91) esclarece as outras verdades e entrega-se à verdade da transcendência. E' o centro e a origem donde se percebem as demais verdades em sua inteireza. E' a minha verdade — única, histórica, incondicionada, absoluta. Contudo não é solidão hermética e tenaz, mas comunicação. E' a verdade com a qual se pode morrer (92).

II. A VERDADE DO ENGLOBANTE QUE É O SER

Os infinitos compreensivos do mundo e da transcendência nunca os temos como tais diante dos olhos; por isso a interrogação sobre a sua verdade ou inverdade não tem sentido. Atingimos só a objetividade, na qual nos aparecem os englobantes do mundo e da transcendência. A verdade, pois,

88) W 880.
89) O.c., p. 266.
90) PhG II, 10; 80-81; F I, 352; II, 302.
91) W 877.
92) Cf. nota 74.

reside na coisa, que está diante de mim, mas é independente de mim, e na qual se anuncia o infinito compreensivo.

A verdade do fenômeno do ser tem duplo sentido: a) considerando a relação ao englobante, que nós somos, é verdade do Dasein, da consciência em geral, do espírito, da existência. Com efeito, nós conhecemos, de nós depende que o nosso conhecimento do fenômeno (Erscheinung) objetivo seja ou não verdadeiro; b) considerando a relação ao ser do englobante, que se mostra no fenômeno, devemos dizer: o fenômeno do mundo e da transcendência corresponde mais ou menos aos respectivos englobantes. E' como se o mundo e a transcendência não se mostrassem univocamente, como se os fenômenos não reproduzissem o original. Nunca aprendemos adequadamente a verdade em suas múltiplas expressões, — fica sempre o mistério (93).

1. A Verdade do Mundo

Karl Jaspers define o mundo nestes termos: «o mundo é para mim o ser ilimitado, que, com toda a precisão no particular, é indeterminado em conjunto, um ser que para mim não tem princípio nem conclusão, (.....) está entre o ser que eu sou e o autêntico ser da transcendência.

O que o mundo é não aparece na minha situação, mas permanece como o incomensurável, o inconcebível, o outro. mais além ainda do horizonte mais amplo que eu diviso» (94). Em outro contexto chama ser-do-mundo (Weltsein) tudo que é capaz de tornar-se objeto de pesquisa para a consciência em geral. O que no mundo é investigável é um possível objeto de conhecimento. São as perspectivas, os aspectos do mundo; com os quais nos põe em relação a ciência. Essa estrutura conhecível do mundo, porém, a ciência não a conse-

93) W 884-886.
94) F I, 81.

que exaurir, como o mostra o princípio de indeterminação da Física moderna. O ser do mundo não nos é dado, apenas o seu fenômeno, isto é, um modo de ser no pensamento, — «ser-do-mundo como objeto de pesquisa é fenômeno daquilo que é o ser-do-mundo como englobante» (95).

A verdade do nosso conhecimento do mundo, quando se torna pura, está ligada uma consciência de limite (*Grenzbe-wusstsein*): no objeto conhecido nunca temos o último — nem o englobante, que nós somos, nem o que o mundo é. Sempre somos mais do que de nós podemos saber, e o mundo é mais do que dêle se pode pesquisar. Há nm caminho infinito de pesquisa, e o ser do englobante fica radicalmente inacessível (96). A idéia do mundo no seu conjunto, do fundamento do mundo, revela-se como o outro na sua enormidade. E' o fundamento do próprio ser — totalidade irredutível a suas partes, que não pode ser explicada. Podemos só dar imagens figurativas e míticas dêste infinito compreensivo e, às vôzes, partindo da observação de nós mesmos, chegar a uma verdade (97). O mundo torna-se assim um puro horizonte, o pano de fundo sôbre o qual vejo surgir os objetos. Ele próprio nunca se objetiva. Nenhum conceito pode abarcá-lo plenamente.

A prova de que o mundo como englobante escapa ao conhecimento é o fato de êle entrar mais decididamente em ruptura com o progresso do saber, — rompe-se em matéria, vida, alma, espírito. Mas é um mundo só no qual tudo está ligado (ist ineinander); êste Um como tal escapa cada vez mais com o progresso do conhecimento (98). Mundo fechado é representação infantil.

O mundo é um ruptura — por causa de nós: primeiro, porque o conhecemos e lhe introduzimos distinção; segundo,

95) W 695.
96) W 696.
97) Jean Wahl, o.c., p. 2478.
98) W 697.

porque nós mesmos fazemos parte dêle e o transformamos por nossas ações (99).

Para o conhecimento do mundo concorrem a experiência e o pensamento: o englobante do mundo mostra-se no englobante da consciência em geral; o ser-em-si descobre-se ao ser-pensando. Ambos, entanto, saem do seu ser-englobante e entram em determinação: o mundo é experimentado na plenitude (*Fülle*) dos fenômenos, a consciência torna-se um pensar em determinadas categorias (100). A verdade brota do objeto do ser-do-mundo, que é experimentado. Todos os modos do infinito compreensivo, que eu sou, experimentam o mundo, mas essa experiência só se transforma em conhecimento, quando a consciência em geral lhe estrutura o seu objeto.

Analizada a verdade do conhecimento do mundo, resta ver a verdade do próprio ser-do-mundo.

Não o mundo, senão o saber que dêle temos pode ser verdadeiro ou falso. A deficiência de nossa representação do mundo, uma vez que apenas conhecemos aspectos, perspectivas do mundo, não é falta de verdade do ser-do-mundo. Uma falta dêste gênero só poderia seguir do fato de o mundo em seu acontecer não estar em ordem. A partir do mundo em sua totalidade, porém, não se pode provar uma desordem ou uma inverdade do mundo, mas sim a partir de nós, que participamos do ser-do-mundo. Isso de duas maneiras: primeiro, porque todo ser-verdadeiro entra na cisão de subjetividade e objetividade. Por indissolúveis que estejam êsses dois polos do ser, acontece muita inverdade; segundo, porque a verdade do conhecimento do mundo modifica o mundo do homem e com isso o próprio mundo — «cada verdade sabida ou proferida modifica o mundo» (101). Aqui de nôvo é oportuno distinguir: as verdades, que modificam o homem e não

99) W 697.
100) W 698.
101) Jede gewusste und gesagte Wahrheit verändert die Welt (W 699).

o objeto a que se referem, só algumas: a intuição astronômica de Copérnico, as ciências da natureza; e as verdades, que modificam o objeto a que se referem: todo saber cujo objeto é o homem, — daí fundamentalmente tôdas as ciências do espírito e a história (102).

Cada conhecimento é algo de nôvo, pois faz surgir novas relações entre sujeito e objeto. Por isso a verdade adquire uma eficácia nova e misteriosa. Por causa dessa ação escondida, dêsse efeito misterioso da verdade, sempre houve na história agressores e defensores da verdade feita saber universal.

O problema da verdade do mundo, dêste ser em si, que é um todo mesmo sem o homem (103), deixa-o Karl Jaspers nestes termos: «O ser-do-mundo não pode ser definitiva e simplesmente verdadeiro, pois faz surgir a partir de si o homem, que o modifica, estraga e melhora, conhece e julga, o experimenta e a êle sucumbe» (104).

2. A Verdade da Transcendência

Karl Jaspers não reduz tôda a sua temática à existência, mas progride em direção à transcendência. A própria existência só é por algo inteiramente diverso dela — a transcendência. A existência entrega-se à verdade da transcendência.

Procurar a verdade é procurar o Uno (105). Mas a verdade una nunca a possuímos, nem sabemos o que seja a verdade em seu conjunto (106). Contudo deve ser una a verdade. Incumbe-nos, pois, avançar para a Unidade, que é a transcendência.

103) W 629 - 630.

104) W 86.

105) W 681.

106) Suchen wir das Wahre, so suchen wir das Eine (W 680).

107) Was Wahrheit im Ganzen ist, wissen wir nicht, wenn wir sie auch grenzenlos und leidenschaftlich wollen (W 681).

Na transição da existência para a transcendência compreendemos o alcance da idéia do trágico, que patenteia a não-unidade da verdade (107).

A tragédia da consciência eleva-nos à transcendência; os tormentos de consciência de Édipo (108), as afirmações de insciência de Hamlet: «Há mais coisas no céu e sôbre a terra do que sonha a vossa sabedoria de escola» —, enfim esta última palavra de Hamlet: «O resto é silêncio» — tudo isto deixa aparecer, não o nada, mas a transcendência (109).

A transcendência é o ser, que de nenhuma maneira se torna objeto de investigação universalmente válida. A consciência em geral experimenta-a como limite negativo, — é o saber do nada como limite (Nichtwissen als Grenze) (110). A transcendência é o próprio infinito, o nada infinito, isto é, o que de nenhum modo é objeto (111), o absímo que me cerca em minha existência e me funda como existência. E' o outro simplesmente, o ser propriamente dito. O pensamento não pode fixar-se na transcendência porque não encontra nela repouso e acabamento. A transcendência é não objetiva, não conhecível, não necessitante, não universal (112). A verdade transcendente não tem validade universal, apreensível de fora, — ela se torna certa pela realidade da minha incondicionalidade (113). Nada de positivo posso dela saber, se penso como consciência em geral. Apenas como existência certifico-me dela, pois a transcendência é essencialmente para a existência (114). «No mundo e pelo mundo nós estamos

107) Die Gespaltenheit des Wahrseins oder die Nichteinheit der Wahrheit ist ein Grundbefund des tragischen Wissens (W 934).

108) W 934 - 936.

109) W 942.

110) W 631.

111) Alles, was ist, ist Welt; die Transzendenz ist das Nichts. In der Tat ist Transzendenz nicht aufweisbar wie Realität in der Welt (W 107). Um pouco adiante escreve Karl Jaspers: Transzendenz ist das schlechthin Andere. Gemessen an der Seinsweise von Weltsein ist sie zwar nichts, aber dies Nichts ist das eigentliche Sein, an dem gemessen alles Weltsein ein nur zweites Sein, nicht in sich selbst gegründetes Sein ist (W 108).

112) Bernhard Welte, Der philosophische Glaube bei Karl Jaspers und die Möglichkeit seiner Deutung durch die thomistische Philosophie, Symposium, II (1949) 39.

113) W 699.

114) W 681.

aí; na transcendência e pela transcendência somos nós mesmos e somos livres» (115).

A transcendência é verdade para mim como existência, enquanto nela creio de maneira incondicionada. Está aí para mim, através de mim, como o absolutamente outro, ao qual estou aberto e no qual eu venho a mim, enquanto me entrego a ele.

Apreende-se a transcendência através dos mitos, das especulações, da revelação. Essa linguagem cifrada, porém, é radicalmente diversa de um saber que se orienta no mundo. A verdade dos mitos é absoluta e atinge a realidade do ser eterno; é a verdade mais profunda para o homem, enquanto não toma consciência dos mitos e os não transforma em fatos objetivos (116). A verdade dos mitos, da especulação, da revelação, não pode ser encontrada por pesquisas empíricas ou racionais, nem se prova com certeza necessitante, tampouco é redutível a premissas silogísticas.

Assim como a existência é histórica, a verdade da transcendência é também histórica para a existência. Embora histórica e não universal, é mais profunda e influente do que toda verdade científica. Pode esclarecer, mas pode também enganar radicalmente, quando se toma a objetividade da transcendência como qualquer objeto firme no mundo. A manifestação da transcendência é sempre histórica; a verdade, que se manifesta, é única e eterna, só o modo da manifestação é múltiplo e temporal (117). O que como transcendência fala aos profetas pode não ser verdade para todos; o conteúdo é absoluto, mas não para todos nem para sempre, pois o eterno poderia manifestar-se em outras figuras. Sempre é prejuízo para a transcendência transformar-lhe a manifestação em verdade definitiva, apoiada em provas, à maneira do conhecimento lógico. Neste caso sobra apenas no mun-

115) Das, worin und wodurch wir da sind, ist die Welt. Das worin und wodurch wir wir selbst und frei sind, ist die Transzendenz (W 107).

116) W 636.

117) W 636.

do algo imanente, conhecível, corporal — enfim, um «algo». Na mesma linha vai absolutizar uma autoridade histórica ou universalizar uma exceção. Seria perder a genuína linguagem da transcendência.

A verdade da transcendência se esclarece por um pensar, que só conserva aberto o espaço para a possibilidade; pensar esse que, por assim dizer, indica lugar e sentido e mostra o espaço, cujo preenchimento (Erfüllung), quando acontece, é sempre histórico (118).

A transcendência é no seu ser como tal inacessível (119). Falar aqui de verdade seria transpor para ela possibilidades imanentes e, com a verdade, também a possibilidade da inverdade. A transcendência só se atinge de modo indireto, por similitudes, contradições dialéticas, círculos tautológicos, tal como acontece em Nicolau de Cusa e Hegel (120).

Passando da verdade do nosso saber da transcendência para a verdade do ser transcendente, entramos no impensável. Na profundidade do ser da transcendência acaba toda distinção e oposição. Não mais se pode falar em verdade ou falsidade, porque não há mais separação (121). Atingimos, enfim a transcendência por um ato, que destrói o tempo — a consciência absoluta, a vontade de verdade, que não é mais que o amor (122). Assim a filosofia de Karl Jaspers termina na cifra ou no mito e no amor.

C) A UNIDADE DA VERDADE

Nenhuma origem da verdade pode isoladamente fundar a verdade sem mais. Em nenhuma está a verdade mesma, a verdade una, a verdade simplesmente. E' preciso examinar

118) W 636-637.

119) Die Transzendenz ist in ihrem Sein als solchem unzugänglich (W 638).

120) Jean Wahl, o.c., p. 265.

121) W 636.

122) Liebe ist die seitilgende Bewegung, in der die Wahrheit offenbar wird. Liebe und Wahrheitswille ist dasselbe (W 743).

as relações que têm entre si os englobantes e os índices da unidade da verdade que nêles aparecem: é o que pretende este capítulo.

Dado fundamental é a ruptura do ser (123) e, consequência disso, a ruptura da verdade. Os englobantes não têm, entre si, ligação visível e conhecível. Contudo temos, embora de modo indeterminado, consciência de que o ser e a verdade devem ser unos, — «o ser só então nos permanece ser e o próprio ser-verdadeiro só então verdadeiro, quando de nôvo é uno para nós» (124).

Existem fenômenos fundamentais, que indicam a unidade da verdade:

a) o inacabado de cada sentido de verdade: a verdade de cada englobante não é totalidade auto-suficiente e completa, nem é sem a verdade dos outros infinitos compreensivos; uma verdade espelha-se na outra, é meio ou condição da outra. Em cada englobante, que nós somos, nasce ao fim uma insatisfação, que ansia por verdade mais profunda e acaba-da... (125).

b) a conexão das modalidades do englobante: nenhum é real (wirklich) sem o outro, sem todos os outros (126).

c) a perda da verdade por isolamento de um envolvente (127).

d) o fracasso da procura da verdade em conflito com outras verdades. Neste caso, em vez do puro nada, fala a exigência do Uno (128).

e) o fato de o processo fundamental do Todo trazer continuamente novas dissidências: vivemos numa concepção global do que acontece — mas não há verdadeira concepção

123) Das Sein ist als wie ein Aufgebrochensein, das sich nicht schliessen kann (W 706). Das Sein bleibt für uns ungeschlossen: es sieht uns nach allen Seiten ins Unbegrenzte (W 38).

124) W 704.

125) W 659.

126) W 687.

127) W 690.

128) W 686.

total, uma vez que não se realiza o que se pensa, não se faz o que se quer, não sobrevém o que se diz. Os englobantes entram em confusão. Tais inconformidades, inconsequências e absurdezias são indicadores do Uno, que fica invisível, mas cuja exigência aparece na ruína dos falsos quadros do mundo (129).

Entre os pensamentos relativos à unidade da verdade sobrelevam três:

a) o pensamento harmônico da totalidade: a idéia de que o rompido, o disperso, o oposto se unifica; que o aparentemente insolúvel achará solução num Uno verdadeiro — pressupõe que a verdade é o Todo. Pela harmonia do Todo contudo não conquistamos ainda a unidade, porquanto cada forma harmônica de uma verdade sempre fracassa de nôvo e nos deixa no movimento da procura (130).

b) o pensamento do Deus uno: a unidade, ausente no mundo, reside na inespacialidade (Raumlosigkeit) da transcendência (131), cuja única verdade é o Deus uno (132). O Deus uno domina sobre as demais modalidades do Uno. E' a transcendência pura. Só Ele é verdadeiramente englobante, o sustentáculo dos outros englobantes (133). As demais unidades são imanentes, possuidoras só de verdade relativa, — e por isso fracassam (134).

c) a afirmação da certeza imediata do Uno: a experiência imediata do Uno efetua-se de três modos: 1) pela união mística. Na união mística sai o homem da sua consciência atual e entra na claridade de uma luz inobjetiva. Aí já não vige a separação, mas a experiência da unidade (135); 2) pela consciência absoluta. A consciência absoluta (136)

129) W 671-2.

130) W 683 ss.

131) Wahre absolute Einheit ist nur der Eine Gott (W 690).

132) Er (der eine Gott) ist die einzige Wahrheit der Transzendenz (W 690).

133) W 703.

134) W 703.

135) W 686.

136) Das Selbstbewusstsein der erfüllten Gegenwärtigkeit nennen wir auch das absolute Bewusstsein (W 175).

experimenta o Uno na incondicionalidade da consciência, do amor, da fé (137); 3) pelo movimento da razão. A unidade torna-se presente no próprio movimento da razão (138), que é incessantemente atraída pelo Uno (139) e cuja característica básica é a vontade da unidade (140). Sem a razão perde-se a comunicação e entra a inverdade; seria a morte da própria filosofia, pois esta jorra incessantemente da razão, que é a «fonte da lógica filosófica» (141).

Nada obstante os indicadores da unidade, permanece este paradoxo: «não temos a verdade una e não a teremos — e a verdade só pode ser una» (142). Nunca apreendemos o Uno, embora sempre estejamos, na medida em que vivemos autenticamente, de caminho a êle e dêle vivamos (143). O propriamente Uno não só está oculto, mas até o caminho a êle é trancado (144); jamais se objetiva — só é atingido na profundidade da existência histórica (145).

Tôda a verdade estará presente onde estiverem unidas as modalidades do englobante. No tempo, porém, não se efetua essa unidade. A verdade, por essa causa, também não estará tôda e absoluta em parte alguma (146). Talvez o próprio movimento da procura seja a mesma verdade no tempo (147).

A unidade da verdade pode ser captada só de caminho (auf dem Wege), por esclarecimento filosófico (148), num

- 137) W 697.
 138) Die Bewegung ist die einzige Gegenwärtigkeit dieser Einheit, die im Zeitdasein stets unvollendet, aber als Ursprung und als Ziel der Vernunft in jedem Tun der Vernunft gegenwärtig fühlbar ist (W 701).
 139) W 839.
 140) Der Grundzug der Vernunft ist der Wille zur Einheit (W 832); Vernunft sucht das Eine in dem Alles liegt (W 118).
 141) W 119.
 142) W 839.
 143) W 733.
 144) W 167.
 145) W 251.
 146) W 455.
 147) W 454.
 148) A lógica filosófica procura e esclarece o Uno; contudo não é uma doutrina do Uno como conectível (W 682). «Philosophische Logik lebt aus dem Antrieb zum Einens» (W 680).

movimento saído do fundamento do ser, do Uno para o Uno, sempre aberto e sempre dirigido para o Uno (149).

A procura do Uno toma, como degrau e condição, tôda possível unidade, que encontra de caminho. Não deixa preterida nenhuma (150). A unidade da verdade no tempo está no sentido da procura.

D) A VERDADE NA RUPTURA

Se não encontramos a verdade una, estável, definitiva, universal, absoluta, a unidade da verdade só pode estar na ruptura (Durchbruch) (151). O homem tende incessantemente para a unidade. Cada unidade provisória, entanto, rompe-se enquanto não fôr encontrada a paz e o repouso no Uno, onde acaba tôda rotura (152).

A unidade da verdade mostra-se no movimento da ruptura, cujas modalidades são a exceção e a autoridade. Ao fim do esclarecimento filosófico dessas modalidades da ruptura surge a possibilidade ou da catolicidade ou do movimento ilimitado da razão.

A exceção, ruptura do universal tanto histórico como intemporal, destrói a verdade universalmente válida, mas é ao mesmo tempo fundamento de um nôvo universal: o que era exceção torna-se universal (153). A exceção assusta e fascina, mas não permite imitação; seu papel é descobrir, formar, comunicar verdade sem tornar-se modelo (154).

A autoridade por sua vez alimenta pretensão de universalidade, mas só é historicamente universal, por isso repre-

- 151) W 709.
 152) W 709.
 153) Der Durchbruch ist der Weg zur Wahrheit (W 722). Aber absolute Wahrheit besagt nicht ohne Durchbruch durch jede Weise eines Bestehenden, vollendet dansen (W 735).
 154) W 119.
 155) W 709.

enta também ruptura do universal intemporal. «A autoridade é um universal na sua historicidade» (155).

Não vale para todos os homens, mas só para um círculo e um tempo historicamente determinados. A autoridade é exigida como verdade, que engloba, em figura histórica, a arbitrária multiplicidade do pensar e do querer. Para ser uma forma de verdade deve fundamentar-se sobre o englobante, que lhe é origem (156).

A exceção e a autoridade representam o fundamento da verdade na ruptura (157). Ambas fundam-se na transcendência e estão em contínuo movimento, porque inacabadas. São históricas, — não podem, pois, ser imitadas ou repetidas no seu conteúdo verdadeiro original (158). A intelecção necessitante não as apreende. A exceção e a autoridade apon-tam para um Todo, que para nós aparece apenas cada vez nas suas modalidades históricas.

A verdade na ruptura é incondicionada e histórica — não uma para todos e para sempre. O movimento filosófico não deve parar na verdade da exceção e da autoridade. Nada há de perder — o universal nem as rupturas do universal, porque ambos são degraus no caminho da verdade.

Abre-se aqui a possibilidade para a catolicidade (159) ou então para o movimento da razão. No primeiro caso a unidade histórica, incondicionada para os homens que nela vivem, é tida como a única unidade verdadeira, absoluta e de validade universal (160). Uma autoridade histórica é universalizada. No segundo caso a unidade histórica não é uni-

155) W 831.

156) Aber es kann keine echte Autorität geben ohne Bezug auf Transzendenz als Ursprung (W 769).

157) W 766.

158) W 831.

159) Karl Jaspers nota (W 833) que, ao usar o termo «catolicidade», não se refere à Igreja Católica. Contudo visou especialmente o cristianismo, que, na sua opinião, produziu a catolicidade mais grandiosa e mais bem fundada (W 856). O Homem-Deus é o exemplo mais pleno de catolicidade (W 850). Em outro lugar parece dar a Igreja Católica como exemplo perfeito de catolicidade (W 867).

160) Die Katholizität glaubt sich im Besitz der Einheit (W 850).

versalizada ou tida como válida e incondicionada para todos; permanece verdadeiro unicamente o ilimitado movimento da razão.

Entre as duas polaridades da exceção e da autoridade, que mutuamente se excluem, há que escolher o único caminho da verdade — a razão. Dessa escolha depende, se haverá ou não haverá filosofia (161).

O abalo causado pela exceção ou a paz na autoridade não são filosoficamente a última coisa. O caminho da verdade filosófica, que não pára ante a exceção e a autoridade, é a razão — a «ilimitada abertura para o ser-verdadeiro» (162). A exceção rompe a verdade, e a autoridade só a realiza em formas históricas; a razão, entretanto, procura a unidade da verdade. Podemos estar ligados à autoridade sem incidir na catolicidade. A razão capta a autoridade sem torná-la católica (163), só assim é possível a obediência do filósofo. A autoridade é necessária para a vida. A própria fé filosófica, inconcebível a si mesma, exige num ponto a autoridade inconcebida (164). Aprovar a autoridade histórica não é aceitar a catolicidade.

A verdade nas formas da ruptura aparece no movimento ilimitado da razão.

E) O ACABAMENTO DA VERDADE

A verdade una deveria ser a revelação (Offenbarwerden, Offenbarkeit) do Ser uno, do Real simplesmente; certificando-se dêste Ser, o homem encontra paz e descanso. Nisto reside a verdade. No filosofar o acabamento da verdade faz-se através do movimento indefinidamente aberto da razão, pelo amor e a cifra. A razão e o amor representam aí

161) W 858.

162) W 839.

163) W 863.

164) W 866.

o fundamento da verdade; a cifra, o seu acabamento (165). A razão abre o espaço e traz o movimento; o amor, a plenitude; a cifra, o conteúdo da consciência do ser (166).

O movimento da razão vai do histórico ao eterno. Na sua vontade de comunicação total revela-se a transcendência (167). A razão significa a condição de toda verdade, o caminho da verdade; onde ela desaparece, a filosofia se desgarrar (168).

O amor — a alma da razão — é a última força de movimento no filosofar (169). Dos entes passa ao Ser mesmo; vê a essência das coisas e dirige-se ao que é verdadeiro. O acabamento da verdade está na unidade das formas do amor, que pode ser vital, intelectual, espiritual, sexual, metafísico. Uma forma liga-se à outra; uma não é real sem a outra (170). O ser e a verdade ligam-se ao amor, manifestam-se só ao ser daquele que ama (171); o próprio ser é amor (172). O amor é a contemplação do supra-sensível (173), o impulso à unidade e à revelação da unidade (174). O direito, que tenho à verdade, não alcança mais longe do que o âmbito do meu amor (175). Em cada modalidade do amor cresce a consciência da eternidade e do aniquilamento do tempo, — «o amor é o movimento que destrói o tempo e no qual se revela a verdade» (176).

O acabamento da verdade não se atinge num objeto como cima do conhecimento, mas em algo objetivo, que ultrapassa

165) W 871. Die vollendung liegt in der grenzenlosen Offenheit als solcher, in jedem Akt der Liebe, in der Anschauung der Chiffer (W 962).

166) W 962, 966.

167) W 979 - 980.

168) Ohne Vernunft wird alles, auch das Beste, verdorben von einem Wurm der Unwahrheit (W 982). Nur wo Vernunft unbedingt bleibt, geht Philosophieren in Wahrheit ihren Weg (W 987).

169) Sie (die Liebe) ist die Seele der Vernunft (W 992). Daher ist Liebe im Grunde allen echten Philosophierens die letzte bewegende Kraft (W 990).

170) W 1004.

171) W 1004-5.

172) Das Sein an sich ist Liebe (W 1012).

173) Liebe zieht hinauf zum eigentlichen Sein; sie ist Anschauen des Über-sinnlichen (1008).

174) W 991.

175) W 1018.

176) W 991. Liebe ist die Zeittilgende Bewegung, in der die Wahrheit offen-bar wird. Liebe und Wahrheitswille ist dasselbe (W 743).

tudo conhecimento e não é propriamente objeto, mas cifra, símbolo (177), similitude (178). «A filosofia é a iniciação na consciência do ser» (179), que se completa no movimento dos símbolos, na contemplação das cifras.

Na verdade cifrada tocam-se a verdade da transcendência e a verdade da existência; a transcendência faz-se, de certo modo, imanente; a existência por sua vez transcende para a unidade do ser e da verdade (180).

Desta feita encerra Karl Jaspers a procura da verdade pela teoria das cifras, que Xavier Tilliette chama «peça mestra da sua metafísica, a sua contribuição mais preciosa e original» (181). Entretanto essa metafísica vota-se ao fracasso: as cifras desaparecem — todas refluem para a única cifra do fracasso. Mas é nessa derradeira cifra do fracasso, que se experimenta o ser (182), término último de todo movimento filosófico, acabamento final e completo de toda a verdade.

177) Karl Jaspers usa, por vezes, cifra e símbolo como sinónimos. Outras vezes os distingue. Símbolo é mais determinado que cifra.

178) Para esta parte W 1023.

179) Philosophieren ist Einweihung in das Seinsbewusstsein (W 1046).

181) Id., *Ibid.*

182) P° II, 639.